

O LEITOR IMPLÍCITO INFANTO–JUVENIL EM FACA AFIADA.

MARIA DE LOURDES TELES.

Resumo

Neste trabalho propomos analisar, à luz da teoria da recepção, o leitor infanto–juvenil de “Faca afiada” (1994), narrativa infanto–juvenil do escritor Bartolomeu Campos Queirós. Para a estética da recepção, o leitor é importante porque é o sujeito agente na leitura da obra literária. É ele quem capta, na obra, o que o autor deseja transmitir. O autor, por sua vez, quando cria, envolve–se com o tema que interessa ao leitor e utiliza–se de suas personagens para expor ideologias em sua obra, ou seja, ele é influenciado pelo contexto social de sua época. Nesse sentido, a obra pode estar associada a uma possibilidade de leitura, entretanto, cabe ao leitor encontrar novas possibilidades e não deixar esgotar o texto. Os teóricos da estética da recepção consideram o leitor como o receptor capaz de reconstruir o significado de um texto ficcional. Baseando–se na obra ficcional, Wolfgang Iser defende a interação do texto com o leitor e aponta que “o papel do leitor resulta da interação de perspectivas e se desenvolve na atividade orientada de leitura” (1999, p.72). Essa interação é condição, segundo Iser (1999, p.75), do processo de comunicação entre o texto literário e o leitor, pois é através dele que a obra se comunica.

Palavras-chave:

Narrativa infanto–juvenil , Teoria da recepção , Bartolomeu Campos Queirós .

1. BARTOLOMEU CAMPOS QUEIRÓS

O escritor mineiro Bartolomeu Campos Queirós publicou seu primeiro livro, *O peixe e o pássaro*, em 1971. Além de escritor é também professor, possui formação acadêmica em filosofia. Tem participação ativa com projetos voltados para o desenvolvimento da educação no estado de Minas Gerais. A sua produção inclui mais de trinta livros e já passa dos trinta e cinco anos.

Seu texto é considerado um misto de narrativa e poesia. É impossível enquadrá-lo em um gênero como conto ou novela, ou ainda, estabelecer a faixa etária de seus leitores. Apesar de a ficha catalográfica indicar “literatura infanto-juvenil” em todos os seus livros, o leitor adulto também pode encontrar material de leitura profunda e reflexiva sobre os temas ali discutidos e tidos como universais, tais como solidão, desequilíbrio, medos, dúvidas e inquietações. Isso levou Ebe Maria de Lima, que estudou a obra do escritor em sua dissertação de mestrado, a nomeá-la de literatura “sem fronteiras”.

O teórico alemão Walter Benjamin, na primeira metade do século XX, já apontava a existência de um sério preconceito em relação à infância. Esse pensamento, segundo o qual as crianças são seres diferentes dos adultos, influenciou não somente a produção de objetos, mas também a criação literária. Na literatura, essa diferença se comprova com o aparecimento de obras exclusivamente criadas para atender o público infantil. Contrário a esse pensamento, (Benjamin,1984: P.55) lança a seguinte reflexão:

“as crianças exigem dos adultos explicações claras e inteligíveis, mas não explicações infantis, e muito menos as que os adultos concebem como tais. A criança aceita perfeitamente coisas sérias, mesmo as mais abstratas e pesadas, desde que sejam honestas e espontâneas [...]”

Esse respeito à criança e ao jovem, reivindicado por Benjamin no início do século XX, também é defendido por Bartolomeu Campos Queirós, através de diversas reflexões publicamente proferidas pelo autor em entrevistas ou em conferências. Em uma delas, o autor ressalta a importância da leitura literária na formação do leitor. Para o escritor "cada um lê no texto a sua experiência". Essa experiência, segundo Bartolomeu, é singular, portanto, é impossível que o autor de uma obra ou o professor que a indicou preconceba a experiência de leitura da criança.

Nos livros de Bartolomeu Campos Queirós falam crianças. Essa voz da infância é instaurada, em seus textos, por meio de uma linguagem em que predominam o lúdico, a criatividade e o encantamento. O objetivo maior do escritor é valorizar a imaginação do leitor que, sendo ele adulto ou não, torna-se capaz de soltar-se e de brincar com a linguagem, além de dialogar com um *outro* que, às vezes, pode ser ele mesmo. A literatura infanto-juvenil, assim como a literatura em geral, liberta-se pela criatividade e pela liberdade de uso da língua.

Portanto, a literatura de Bartolomeu Campos Queirós (sendo prosa ou poesia) se caracteriza como um texto carregado de poesia. Dessa forma, sua obra torna-se uma raridade dentro da literatura brasileira, porque rompe com a classificação dos gêneros literários e com a especificidade de leitor.

2. O LEITOR IMPLÍCITO NA NARRATIVA LITERÁRIA: O TEXTO E A RECEPÇÃO DO LEITOR.

Para a estética da recepção, o leitor é importante porque é o sujeito agente na leitura da obra literária. É ele quem capta, na obra, o que o autor deseja transmitir. O autor, por sua vez, quando cria, envolve-se com o tema que interessa ao leitor e utiliza-se de suas personagens para expor ideologias em sua obra, ou seja, ele é influenciado pelo contexto social de sua época. Nesse sentido, a obra pode já estar associada a uma possibilidade de leitura, entretanto cabe ao leitor encontrar novas possibilidades e não deixar esgotar o texto.

Os teóricos da estética da recepção consideram o leitor como o receptor capaz de reconstruir o significado de um texto ficcional. Baseando-se na obra ficcional, Wolfgang Iser defende a interação do texto com o leitor e aponta que "o papel do leitor resulta da interação de perspectivas e se desenvolve na atividade orientada de leitura" (1999: p.72). Essa interação é condição, segundo Iser (1999: p.75), do processo de comunicação entre o texto literário e o leitor, pois é através dele que a obra se comunica.

Para o teórico (ISER,1999: p.73) o texto literário contém "vazios" que, durante o ato da leitura, levam o leitor a decifrá-los. Essas situações implícitas são fundamentais no processo de interação, pois representam as quebras das conexões textuais e apontam ao leitor quais segmentos devem ser conectados de acordo com o seu ponto de vista. Portanto, o preenchimento dessas lacunas é um ato comunicativo que se concretiza na interação do leitor com o texto, sendo ela a reação ou a resposta que ocorre a partir da leitura. Todavia, elas poderão impor barreiras ao leitor, desviando-o de seu ponto de vista ou impedindo-o de ir além de suas projeções.

Além das possibilidades de sentido no texto, os "vazios" podem ampliar a própria atividade do leitor, "que se utiliza do imaginário para captar o não-dado" (ISER, 1999: p.79). Portanto, o leitor implícito descreve, na concepção de Iser, um processo de transferência em que as estruturas do texto são traduzidas em experiências de leitura, por meio de seus atos imaginativos.

3. O LEITOR INFANTO-JUVENIL DE *FACA AFIADA*.

A narrativa de *Faca Afiada* (1994) focaliza o cotidiano de uma família de hábitos simples, constituída de pai, mãe, filhos e avó. O texto revela angústia e medo do menino mais velho devido ao conteúdo de uma conversa particular de seus pais, ouvida, à noite, de seu quarto. Ao longo do diálogo, ele infere que os pais estão planejando o "assassinato" de sua avó, uma velha viúva que morava com eles na casa. A vítima desse "crime", no seu entendimento, seria executada no dia seguinte com uma faca de cozinha, que o pai iria afiar. Começa, então, a sofrer com os sentimentos contraditórios em relação aos pais e com as conseqüências desse "crime" prestes a acontecer. A narrativa traz um final surpreendente ao esclarecer a interpretação equivocada do menino em relação à conversa dos pais. A faca afiada foi usada pelo pai para matar uma galinha, que era criada pelas crianças e que foi servida no almoço do dia seguinte com arroz e quiabo.

A obra pertence ao gênero infanto-juvenil e insere-se na categoria suspense psicológico. O texto traz as emoções, os medos, as inquietações, as ansiedades e os tormentos que invadem a alma humana desde a infância. A narrativa é composta de vinte e três páginas e privilegia a experiência infantil, assim como acontece em todas as obras de Bartolomeu Campos Queirós. Internamente, o texto escrito é entremeado de ilustrações, alusivas aos fatos ali narrados. Os desenhos de Mario Cafiero foram elaborados com técnica mista de aquarela e nanquim, em cores suaves, e sustentam o clima de suspense delineado pela narrativa.

Com uma nota introdutória dirigida ao leitor, o narrador chama sua atenção para a veracidade dos fatos que serão contados. Dessa forma, ele estabelece, com esse pequeno texto, um pacto narrativo com o leitor. Ao citar o amigo Victor, o narrador atribui-lhe a condição de ouvinte de uma narrativa de tradição oral:

"Esta é uma história verdadeira, faz tempo que tenho vontade de escrevê-la, por insistência do Victor, um menino amigo meu. É que, quando conto tal história, ele fica muito emocionado com a verdade. Hoje ganhei coragem" (FA: 1994).

As narrações de tradição oral são histórias populares recebidas de ouvido e passadas, oralmente, de geração a geração. De um lado, tem-se a transmissão da experiência e a evocação da memória. Segundo o teórico alemão Walter Benjamin, "o ato de contar uma história faz com que ela seja preservada do esquecimento". Desse modo, o narrador transmite com sua leitura e acréscimos as histórias que lhe foram contadas.

De outro, encontram-se a receptividade e a produção. O leitor ouve uma história e constrói, a partir dessa leitura, o seu próprio texto. Do ponto de vista do teórico alemão, "o sentido de uma história só será possível ao olhar do outro". Victor é o receptor infanto-juvenil de uma narrativa que focaliza a infância. A sua emoção se traduz na relação dialógica que mantém com a experiência do outro e revela sua interação com a voz narrativa da infância presente no texto.

O texto oral da avó foi transformado em texto escrito e inserido na narrativa principal. A história, que narra o desejo de uma menina em ter a Lua, pertence à tradição do conto popular, cujo objetivo é documentar usos e costumes de um povo, sendo essa a forma mais universal de transmissão da cultura. A autoria desses contos é desconhecida, pois o importante é dar explicações sobre a origem de um mito e realçar seus traços folclóricos. Em *Faca afiada*, o ato da avó de contar histórias aos netos aponta uma importante característica da tradição oral: a preservação da memória. Esse traço da cultura oral, transmitido em suas histórias, é assim mencionado pelo narrador: "Ela tentava conviver com o medo, contando

para os netos, histórias de outras vidas, da paz da eternidade, das aparições das almas envolvidas com flores e luzes."(FA, 1994, p.7). Caracterizada como uma pessoa solitária, a avó convive com o medo e a angústia da morte, sentimentos que tenta aliviar com as histórias que conta aos netos. Mesmo assim, ela cumpre o papel de transmissora de conhecimento e, por meio de suas narrativas, preserva a memória.

Em *Faca afiada*, o leitor insere-se no universo psicológico e espacial da família (pai, mãe, filhos e a avó). O suspense se constrói a partir do drama central do menino mais velho. Com a leitura do texto, o leitor é envolvido pelo conflito interno da personagem e passa a compartilhar da mesma angústia que domina e fragiliza o menino. A mente da personagem apresenta-se como o espaço de confronto de pensamentos, pois é dela que surgem os sentimentos contraditórios em relação aos seus pais. Os verbos "reviravam", "embrulhava" e "amassar" explicitam esse conflito interior da personagem.

A relação de intimidade entre leitor e texto se mantém com a utilização de uma linguagem construída de fragmentos, os quais são captados na observação de um narrador onisciente e na criação de imagens metafóricas. A metáfora é um recurso de linguagem que remete a realidades diferentes. Em *Faca afiada*, tal recurso é utilizado com o objetivo de expressar emoções.

A descrição de cenas cotidianas e do ambiente simples é plena de imagens poéticas, construindo belos momentos em que poesia e simplicidade se reúnem para descrever a vida. Essa união se constata no trecho correspondente à partida das rolinhas, os pássaros que, rotineiramente, vinham à janela da casa para se alimentarem.

Essa linguagem poética suscita a fantasia e, por meio dela, o leitor adquire experiência, não como busca de modelos, mas a partir de uma operação de reconstrução que ele próprio realiza nos limites do imaginário. Desse modo, é levado às inquietações, às dúvidas e ao desconhecido, sentimentos capazes, segundo Barthes (1977: pp.21-22), de colocá-lo em alerta.

As ilustrações representam uma moldura discreta de cada cena do texto escrito e ampliam a imaginação do leitor infante-juvenil. Da mesma forma, o recurso lexical *Era uma vez*, que dá início à narrativa da avó, é utilizado como uma referência atemporal que conduzirá esse leitor infantil ao mundo do *faz-de-conta* e da imaginação dos contos de fadas.

O leitor implícito infantil inscreve-se textualmente por meio do recurso gráfico (texto em azul) e visual (ilustração em quadrinhos). Esses recursos, além de destacarem visualmente a narrativa da avó da narrativa principal, colocam o leitor da trama principal na condição de ouvinte da história contada pela avó. Dessa forma, esse leitor passa a reconhecer-se como parte integrante da narrativa principal, assim como as personagens infantis dessa mesma trama, apresenta a mesma expectativa em relação aos fatos. Estabelece, portanto, uma interação do texto com o leitor, que se processa por meio de atos imaginativos do leitor infantil implícito.

Destaca-se, assim, o leitor infantil virtual, que foi criado com base no leitor infantil real (empírico) dos contos de fadas. Neste sentido, os recursos visuais e as sensações criadas a partir de imagens metafóricas atuam como um aliado capaz de estimular a fantasia desse leitor, conduzindo-o ao universo dos fatos narrados. Esses efeitos e sensações são transmitidos pela voz narrativa do texto, e nele, o

leitor infanto-juvenil é levado a construir-se como ser e a confrontar questões existenciais que afligem o homem desde a infância.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Constatou-se, por meio desta análise, que o alvo é o leitor, a necessidade de uma atividade com o imaginário na obra literária. O leitor não é só um construtor de sentidos, mas alguém capaz de ampliar esses sentidos e colocar em prática sua própria experiência.

Sob a perspectiva da interatividade, o leitor de Bartolomeu Campos Queirós identifica-se com a experiência das personagens, pois é conduzido às reflexões, de forma que essa experiência incida na sua própria identificação.

Verificou-se que é possível tratar de temas delicados como o das relações familiares, não colocando o jovem e a criança diante de obras que resgatam o final feliz, mas, transformando em experiência os dramas que fazem parte de seu cotidiano. Esse pequeno leitor, assim como o leitor adulto, é conscientizado de que existe um mundo real cheio de coisas simples tais como "o feijão com a farinha" e "os copos sujos do café" e um mundo de coisas complexas, como a morte, e os sofrimentos causados pelo medo e pela dúvida. Desse modo, cabe a ele desvendar esse universo conflituoso e cheio de mistérios, assim como acontece no mundo ficcional das histórias.

O leitor infanto-juvenil de Bartolomeu Campos Queirós não é um adolescente passivo, ao contrário, é alguém capaz de preencher as lacunas do texto com o próprio imaginário. Na análise do texto buscou-se construir o percurso do leitor infanto-juvenil e nesse itinerário constatou-se que o leitor infanto-juvenil interagiu com a complexidade de sentimentos que envolvem as relações familiares. Se o objetivo da literatura em geral é emocionar, estabelecer diálogos, valorizar a linguagem e a imaginação e trabalhar com a contradição e o estranhamento, esse, também, deve ser o alvo da literatura infanto-juvenil. Nesse sentido, Bartolomeu Campos Queirós, em *Faca afiada*, busca representar a infância, através do menino mais velho, tratando de sentimentos conflituosos: medos e dúvidas, ou ainda, valorizando a linguagem e a imaginação, ao inserir uma pequena narrativa (história contada pela avó) dentro da narrativa central. Dessa forma, o autor mobiliza também no leitor infanto-juvenil a sensibilidade e o desejo de expressão.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARTHES, R. **O prazer do texto**. Tradução J.Ginsburg. São Paulo: Perspectiva, 1993.

BENJAMIN, W. **O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov**.

In: Magia e Técnica, Arte e Política: ensaios sobre literatura e história da cultura.

Tradução Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1987: v.1: pp.197-241.

_____. **Reflexões: a criança, o brinquedo, a educação**. Tradução Marcus Vinicius

Mazzari. São Paulo: Editora 34, 1984.

GOTLIB, Nádía B. **Teoria do conto**. São Paulo: Ática, 1995.

ISER, W. **O ato da leitura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

QUEIRÓS, Bartolomeu C. **Faca afiada**. São Paulo: Moderna, 1991.